

# Aracy Cortes, o brilho da 'linda flor'

ANA LÍGIA PETRONE  
De sucursal do Rio

O olhar triste e distante recupera o brilho adquirido nas décadas de 30 e 40, quando era chamada de "Rainha dos Brilhantes" e provocava verdadeiros tumultos nas portas dos teatros onde se apresentava. As pernas, fracas e frágeis, conseguem realizar autênticos milagres quando ariscam um sapateado, lembrando aquela maneira de dançar e rebolar no palco que encantou até platéias da Europa, principalmente de Lisboa e Paris. Mas a metamorfose dura apenas alguns minutos, o tempo necessário para a interpretação de seis músicas onde ela revive sucessos que a tornaram famosa, como "Ai Ioiô", de Luiz Peixoto e Henrique Vogeler, e "Os Rouxinóis", de Lamartine Babo.

Contando piadas em seu estilo e com a mesma característica de saber fazer rir, apesar da voz trêmula e dos cabelos brancos, Aracy Cortes, a irreverente atriz do teatro de revista, que hoje completa 80 anos, ainda consegue lotar o teatro com seu público fiel, que não perde a oportunidade de vê-la mais uma vez.

"Acho que essa é minha despedida", comenta, ao dizer que está cansada da vida e que não tem mais nada. Ela está apresentando-se na sala "Sidney Miller", da Funarte, no Rio, no show "Linda Flor", que estreou na última terça-feira e ficará em cartaz até o próximo dia 7. Com direção de Arthur Laranjeiras, a Funarte presta uma homenagem à artista, que está em completo estado de abandono, "magoada e com muita tristeza no coração".

"Ela só tem vida quando está no palco", afirma J. Maia, contra-regra de teatro, fã apaixonado da estrela, que se acabou transformando numa espécie de empresário, amigo, pai, tábua de salvação. É ele quem lhe dá carinho e estímulo para impedir que ela se recuse a viver. Aracy Cortes não perdeu apenas a "Coroa de majestade" que ostentava. Na verdade, ela perdeu tudo: as jóias, os carros

luxuosos que trocava a cada ano, as roupas bonitas, a possibilidade de gravar novos discos e, principalmente, muitos de seus amigos.

Atualmente ela ocupa um quarto alugado numa casa de roupas cômodos em São Cristóvão e sobrevive com dois salários mínimos, pensão que lhe foi concedida na época do governo de Carlos Lacerda. Direitos autorais nunca recebeu e até o acervo de toda a sua arte, que estava na casa de J. Maia, Aracy Cortes não manteve. Ele foi vendido no ano passado para um pesquisador de música popular, Ary Vasconcelos, por Cr\$ 100 mil. "O material é muito valioso e quem deveria cuidar disso era o governo", ressalva J. Maia, ao afirmar que infelizmente "esse país não tem memória".

Revoltada, magoada e muito fe-

rida, Aracy diz que não gosta de falar de sua vida. "O Maia sabe de tudo, ele pode responder as perguntas muito melhor que eu." Mas, aos poucos, vai falando daquilo que mais a faz sofrer. "Eu acho que mereceria, pelo menos, viver com um pouco mais de dignidade. Há oito anos estou lutando por uma aposentadoria especial, igual à que foi concedida pelo presidente a Henriette Morineau, e até agora não me deram nenhuma satisfação. Existem dias em que tenho muita raiva de viver."

Foi justamente com o objetivo de chamar a atenção das autoridades, em especial do presidente João Figueiredo, e da população em geral, para o abandono de Aracy Cortes, que a Funarj resolveu montar essa homenagem. Tudo está incluído no projeto "Linda Flor", também nome-

do disco que será lançado nesta semana, com gravações antigas da cantora, e do livro sobre sua vida, de Roberto Ruiz, que utilizou o trabalho de pesquisa de J. Maia.

Mas o show, a princípio, não terá a participação de Aracy Cortes. "Não apenas iríamos prestar-lhe uma homenagem, revivendo seus principais sucessos na voz da cantora Marília Barbosa, que, vestida da mesma maneira que Aracy e no mesmo tom de cantora, interpretaria suas principais canções. Mas Aracy disse que gostaria de cantar também, e nós achamos que ela deveria subir ao palco mais uma vez. Isso é fundamental para a sua existência", diz o diretor do espetáculo.

O show está dividido em duas partes. Na primeira, Marília Barbosa, com talento e voz afinadíssima, canta "Ai Ioiô", a "Polícia foi lá e Casa", de Olegário Mariano; "Na Fuvuna", de Almirante; e "Jura", Sinhô, entre outras. Depois entra Aracy Cortes, que, também acompanhada pelo conjunto Chorando Bixinho, se emociona ao cantar alguns de seus sucessos: no final, as duas cantam "Ai Ioiô", sempre sob aplausos da platéia.

A alegria de Aracy termina. Ao deixar o palco, ainda no camarim, volta aquela tristeza, aquela apatia de uma pessoa que já não espera mais nada da vida. "Estou sofrendo demais, já não tenho mais forças para lutar. E também não sei contra quem deverei lutar. Sei, apenas, que mesmo esquecida e abandonada pelas gravadoras, pelos empresários e pelas autoridades, ainda tenho um público fiel, que não perde uma oportunidade sequer de me ver cantar. Mas não sou a mesma, sei que não sou a mesma."

Aracy Cortes começou a carreira em 1920, estourou em 1925 e percorreu a década de 30 no apogeu. Foi a primeira cantora a lançar o samba-canção, foi "Rainha das Atrizes", "Rainha do Rádio", "Rainha da Música" e "Rainha dos Brilhantes". Sempre manteve teatros lotados, foi quem pela primeira vez se vestiu de baiana no palco.



Aracy Cortes, com Paulinho da Viola, em 1965, e hoje